

## A MUDANÇA DE POSIÇÃO NA FORMAÇÃO DISCURSIVA EM SUJEITOS COM GAGUEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

### THE CHANGE OF POSITION IN DISCURSIVE TRAINING IN CLINICS WITH STUTTERING: A DISCURSIVE ANALYSIS

Claudemir dos Santos Silva<sup>6</sup>

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo<sup>7</sup>

**RESUMO:** Sabendo que sujeito e linguagem constituem-se intrinsecamente, o presente artigo assume uma posição de circunscrever o discurso como gênese e sítio de surgimento e continuidade da gagueira, sob a forma peculiar de efeito de interlocução e sentidos, mostrando que é possível questionar a Formação Discursiva (FD) da gagueira e assumir uma nova forma-sujeito na FD da fluência. Desse modo, busca, como objetivo, analisar a mudança de posição na formação discursiva de sujeitos com gagueira participantes do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG). Nesse sentido, na proposta terapêutica do grupo, os sujeitos são levados a questionar, e os terapeutas da linguagem interpretam e põem em questão o que foi dito pelos sujeitos, levando-os a fazerem reflexões sobre o próprio discurso. Para tanto, interessa-nos trabalhar com a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux, na França, e discutida no Brasil por autores como Eni Orlandi e seguidores. Dessa forma, a AD funcionará como teoria de sustentação para analisar o discurso dos sujeitos com gagueira, assim como procedimento analítico que comporá a base do processo terapêutico deles. Com isso, constituímos recortes do discurso de três participantes e os analisamos a partir dos procedimentos de análise da mesma teoria. Assim sendo, concluímos o trabalho, constatando a mudança de posição no discurso dos sujeitos investigados e determinando o espaço discursivo como o lugar da gagueira, problema esse arraigado às condições de produção daqueles que participam do funcionamento discursivo. Através das análises, também pudemos reconhecer que o grupo de terapia é um lugar de ressignificação do discurso dos sujeitos e, respectivamente, de suas concepções de fluência e gagueira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gagueira. Análise do Discurso (AD). Grupo de Atendimento. Formação Discursiva (FD) Mudança de Posição.

**ABSTRACT:** Knowing that subject and language constitute intrinsically, this article takes a position to circumscribe the discourse as genesis and place of emergence and continuity of stuttering, under the peculiar form of interlocution effect and senses, showing that it is possible to question the Discursive Formation (DF) of stuttering and take a new form-subject in DF fluency. Thus, its general objective is to analyze the change in position in the discursive formation of stuttering subjects participating in the Study and Attention to Stuttering Group (GEAG). In this sense, within the therapeutic proposal of the group, subjects are motivated to question, and language therapists interpret and call into question what has been said by the subjects, leading them to make reflections on their own discourses. To this end, we are interested in working with Discourse Analysis (DA), founded by Michel Pêcheux, in France, and discussed in Brazil by authors such as Eni Orlandi and followers. Thus, the AD functioned both as support theory to analyze the speech of individuals with stuttering, and analytical procedure that will become the basis for their therapeutic process. Thereat, we convened discursive excerpts by three participants and analyzed them based on the analysis procedures suggested by the same theory. So, we conclude the work, noticing the change in position in the subjects' discourse and determining the discursive space as the place of stuttering – problem which is entrenched to the production conditions of those participating in the discursive functioning. Through the analyses, we also recognized that the therapy group is a reframing place for the subjects' discourse and, respectively, of their fluency and stuttering conceptions.

**KEYWORDS:** Stuttering. Discourse Analysis (DA). Group Service. Position Change.

### 1 Considerações iniciais

Inicialmente, ao assumirmos a posição de autoria deste trabalho, configuramo-nos como: 1) sujeito que já foi identificado à Formação Discursiva (FD)<sup>8</sup> da gagueira, mas mudou

<sup>6</sup> Doutorando do Curso em Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), bolsista FACEPE. Recife, Pernambuco, Brasil. [claudemirsilva711@gmail.com](mailto:claudemirsilva711@gmail.com)

<sup>7</sup> Professora e Pesquisadora do PPGCL da UNICAP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco). Recife, Pernambuco, Brasil. [nadiaazevedo@gmail.com](mailto:nadiaazevedo@gmail.com)

de posição e hoje se vê como sujeito fluente, com momentos de disfluência, que já não se constituem mais como um problema; 2) sujeito pesquisador da gagueira. Somos analistas do discurso e temos um interesse em comum: o estudo aprofundado da gagueira sob a ótica discursiva.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - PPGCL/UNICAP, curso de Mestrado, linha de pesquisa: aquisição, desenvolvimento e distúrbios da linguagem em suas diversas manifestações, a leitura das pesquisas da segunda autora deste texto causou grande impressão no primeiro autor, conduzindo-nos a rever o projeto e começar a participar das sessões de terapia do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira - (GEAG)<sup>9</sup>. Nesse espaço, encontramos sujeitos com queixas quanto ao mal que a gagueira lhe causava. Esse mesmo problema nos fez crescer identificado com alguns mitos, os quais nos cercaram no decorrer da infância e adolescência, até a juventude. O primeiro mito refere-se à crença de que um indivíduo nasce gago pelo fato de a mãe, durante a gravidez, *mangar/bulinar* algumas vezes do filho de uma vizinha com gagueira. O segundo mito diz que bater em um gago com *colher de pau virgem*, em algumas sextas-feiras, resolve o problema. Por fim, o pior e mais cruel de todos difunde a ideia de que a gagueira é uma doença sem cura, portanto, condenando a pessoa ao padecimento. Todos esses mitos desconcertantes caíram por terra com a constatação, em meio a tantas reflexões proporcionadas ao longo das sessões de terapia do GEAG, de que não existe fluência absoluta e de que a forma como dizemos algo não deve ser vista como o mais importante no processo de linguagem. Na verdade, é o conteúdo que possibilitará deslizamentos de sentidos aos nossos interlocutores. Isto é, o ideal para um sujeito gago é simplesmente falar, posicionar-se sempre que se inquietar com as situações ou, melhor dizendo, fazer-se compreender.

Foi rápido partir para questionar muitos dizeres sociais que reforçam a ideologia do bem falar e alimentam gradativamente um falante fluente idealizado. Dizeres que estão plenamente identificados com a ideia de fluência absoluta e de gagueira como sinônimo de incapacidade e impossibilidade. A partir da vivência no grupo, não nos vimos mais como sujeito-gago, oprimido e/ou silenciado, a partir daí, buscamos ouvir e simplesmente sermos entendidos pelos outros com o próprio linguajar; passando a vê-lo como natural. A partir do movimento de discursos entre sujeitos-falantes-fluentes e aqueles que se apresentam gagos, resolvemos desenvolver um estudo sobre a mudança de posição nas formações discursivas dos sujeitos com gagueira participantes do GEAG, procurando compreender melhor a partir do olhar para este distúrbio sob a ótica discursiva, “que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem e vê a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva” (AZEVEDO, 2000, p.118, grifo nosso).

Portanto, a nossa discussão está centrada no trabalho discursivo, que procura olhar a gagueira em grupos de atendimento, sob a perspectiva de se compreender a ótica discursiva<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Esse termo é concepção da Análise de Discurso de linha francesa (AD). À noção de Formação Discursiva (FD), Pêcheux (1988), diz que “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160). Já Orlandi (1996), reitera que uma FD é “o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia” (ORLANDI, 1996, p. 21), portanto, tem relação com a exterioridade. O que distingue uma FD da outra é o modo como se relacionam com a Formação Ideológica (FI), que é a materialidade ideológica. As FDs estão sempre inscritas numa FI. Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito, e todo sujeito tem ideologia, tomando por Formação Ideológica (FI) ou *ideologia* “o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 48). É inconsciente e materializada no discurso.

<sup>9</sup> Dividido em duas modalidades: uma para crianças e adolescentes e outra para os adultos. Também é composto por docentes e fonoaudiólogas que desenvolvem estudos e pesquisas nesse grupo de terapia.

<sup>10</sup> Conforme Azevedo (2000; 2006; 2013, p.162), quando olhamos o sujeito sob a ótica discursiva, a gagueira pode ser compreendida como um distúrbio dessa ordem, que apresenta uma relação direta com as condições de

Justificamos, assim, nossa pesquisa, enquanto estudiosos que desejam conhecer mais o assunto e divulgar maiores esclarecimentos em torno da mudança de posição nas formações discursivas de sujeitos com gagueira em grupo de atendimento terapêutico. Nesse sentido, analisaremos a mudança de posição na formação discursiva de sujeitos com gagueira participantes do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG). Para isso, teremos como ancoragem, isto é, procedimento teórico-metodológico para subsidiar as análises dos *recortes* discursivos, a Análise de Discurso de linha francesa (AD) fundada por Pêcheux e reterritorializada no Brasil por Orlandi e outros seguidores.

## 2 Gagueira: delineando algumas considerações sobre construtos teóricos

Desde os tempos mais remotos até os dias atuais, as discussões em torno da gagueira engendram polêmicas entre diferentes públicos e, ao longo da história, vêm ganhando sentido sobre a sociedade e seus respectivos contextos. Assim, os estudos estão centrados em dois grandes grupos: os que focam no sintoma manifesto e os que veem o sujeito em sua amplitude. A discussão deste artigo está centrada no trabalho linguístico-discursivo, em que se procura estudar a gagueira em grupos de apoio, sob essa perspectiva. Sendo assim, o referido trabalho, não tratará a gagueira como uma doença passível de cura, mas, ao contrário, de acordo com os estudos de Azevedo (2000; 2006; 2013); Petrusk (2013); Silva (2016); Cavalcanti (2016), a gagueira é compreendida como um distúrbio da ordem do discurso, que apresenta relação direta com os interlocutores e com as condições de produção.

Em estudos recentes, Rocha (2015, p.11) informa que “5% da população apresenta gagueira em algum momento de suas vidas – isso representa quase dez milhões de brasileiros” (ROCHA, 2015, p.11). Na literatura fonoaudiológica é possível identificar-se profissionais vinculados a uma determinada escola, sustentando sua prática clínica a partir de um corpo de crenças comuns. Nesse sentido, segundo Oliveira e Friedman (2006, p.01), “cada clínico que defende uma teoria sobre a gagueira, revela invariavelmente o paradigma<sup>11</sup> que sustenta essa escolha, porque este lhe impõe uma moldura”.

De certo, a gagueira é uma fonte geradora de muitos conflitos, que se refletem em sofrimentos pessoais dos sujeitos, até a entrada no GEAG, quando percebem que não estão sozinhos. Há, ainda, grupos que pesquisam a origem da gagueira na Neurologia e na Genética, porém não será este o foco. Em outra via, a partir do olhar da Psicologia Social, o problema se origina da existência, na sociedade, de uma “*ideologia do bem falar*”, o que geraria uma imagem estigmatizada de falante para quem gagueja, como as questões postas por Friedman ([1986] 2004; [1988] 2012; 1994; 2004; 2014; 2016a; 2016b).

A partir dos estudos de Friedman ([1986] 2004; [1988] 2012; 2014; 2016a; 2016b), as pesquisas deram um salto na elaboração de conhecimentos que discorrem em torno do viés subjetivo. A Perspectiva Discursiva na relação com a gagueira foi estudada por Azevedo (2000; 2006; 2013), a partir da Análise do discurso de linha francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux (1988; 1990; 1993; 1997) e desenvolvida no Brasil por Orlandi (1993; 1999; 2001) e estudiosos. Desta forma, é teoria de sustentação para analisar a gagueira e o sujeito-gago, assim como procedimento analítico que comporá a base do processo terapêutico para o trabalho.

Tendo em vista as questões delineadas, até então, procura-se marcar a inquietação ao se perceber que, quando se fala em Análise do discurso, há muitos outros discursos em foco.

---

produção do discurso (relação de forças, de sentido e antecipação), caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons.

<sup>11</sup> Conforme Oliveira e Friedman (2006) é possível ver que é sob o efeito de dois paradigmas científicos que a clínica fonoaudiológica da gagueira se alinha, o cartesiano-positivista e o histórico-dialético.

Em congressos científicos, as apresentações que trazem a teoria como suporte ganham cada vez mais espaço. Da mesma forma, carregam perspectivas inteiramente diferentes, muitas vezes, sem uma concepção de sujeito definida e uma miscigenação de autoria indevida, o que, por si só, remete a uma inconsistência teórico-metodológica. Assim, ao se falar em Análise do discurso, é sempre necessário deixar claro de que posição se fala: se da linha francesa (e filiado a que autor (es)), se da linha anglo-americana, ou da Pragmática, por exemplo. Por que nos interessa abordar a proposta desenvolvida pela AD? Por várias razões. Em primeiro lugar, por privilegiar a noção de discurso em contraposição ao reducionismo da noção de fala. Em segundo lugar, porque a mesma trabalha com a visão psicanalítica do sujeito e interessa refletir sobre a constituição do sujeito.

### **3 O Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG): “a arte de viver.. é simplesmente arte de conviver...”**

Registros apontam que intervenções com grupos, segundo Machado *et al* (2007, p. 63), começaram a ser implementadas no Brasil na década de 1980. Mas tais práticas ainda consistiam em agilizar o atendimento e diminuir as listas de espera. De qualquer maneira, podemos observar na literatura fonoaudiológica, “a partir de meados de 1990, não só uma ampliação de relatos e estudos acerca de práticas grupais, como o aprofundamento teórico em torno destas”. Alguns desses trabalhos, além de propostas de terapia grupal, sugerem, especialmente no contexto da Saúde Pública, a constituição de grupos como possibilidades de intervenções preventivas e educativas, que visem à promoção da saúde e da linguagem (MACHADO *et al*, 2007, p. 63).

Atualmente, no Brasil, sobretudo na saúde pública, de acordo com Friedman e Passos (2007), as concepções de grupo, de coletivo, de equipe, estão na ordem do dia. Cada vez mais, constata-se a importância do trabalho grupal e se desenvolvem diferentes tipos de grupos: com crianças, pais, famílias, idosos, gêmeos, hipertensos etc. É necessário, portanto, que a formação desses grupos fundamente-se em concepções que permitam a focalização pretendida e a obtenção de resultados compatíveis com objetivos previamente delineados<sup>12</sup>, que, sem negar as próprias bases etiológicas, sintomatológicas e terapêuticas, constitua abordagens próprias para a operacionalização de grupos. Sendo assim, “o grupo ressalta o papel do outro e facilita a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pede intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças de funcionamento linguístico” (FRIEDMAN; PASSOS, p.143).

Em sintonia com as questões postas, até então, visando compreender a dinâmica, a forma e o funcionamento da linguagem dos sujeitos-gagos, a segunda autora, em conjunto com os núcleos de extensão social e pesquisa da Unicap, teve a iniciativa de elaborar um Projeto de Extensão, buscando refletir sobre a discriminação social sofrida pelo sujeito-gago, seu silenciamento e angústia, gerados pela necessidade de falar *versus* a dificuldade para falar, considerando-se a cobrança do seu meio social.

Nesse contexto, o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) é fundado no 2º semestre de 2007, tendo como objetivo principal: promover um espaço de extensão, pesquisa e ensino concernente à gagueira por meio da formação de um grupo de estudo, apoio e atendimento entre pessoas gagas e não gagas. Mais especificamente, promover a interação entre pessoas gagas e não gagas a partir da proposição de diversas práticas discursivas existentes na sociedade; descrever e analisar, em termos linguístico-discursivos, a dinâmica

<sup>12</sup> De acordo com Friedman e Passos (2007), esta clínica é aquela que vai além da patologia para considerar o sujeito em suas manifestações de linguagem, em sua posição no mundo, em sua maneira de se relacionar com os outros.

interacional do grupo, bem como, a rede de significações verbais e não-verbais construídas nesse espaço; trabalhar o funcionamento da linguagem dos sujeitos gagos; refletir sobre a compreensão do significado desse nível para o sujeito-gago e a superação ou enfrentamento de suas dificuldades linguístico-discursivas, (re)inserção ocupacional e (re)composição psicossocial; possibilitar a interação entre as famílias dos sujeitos gagos do grupo; escutar a família dos sujeitos gagos; construir um banco de dados para pesquisas ulteriores e desenvolver atividades de pesquisa em conjunto com a Graduação e Pós-graduação (AZEVEDO, 2017).

Para atingir aos objetivos descritos, o grupo procura realizar triagens e avaliações da gagueira em crianças, adolescentes, jovens e adultos, com análise da queixa e dos sintomas, para proceder à definição do diagnóstico. A partir daí, são realizados encaminhamentos de acordo com cada faixa etária. Aos que já se encontram com um quadro de gagueira são realizados trabalhos de orientações aos seus pais.

No GEAG, a questão da alta está bem atrelada à abordagem proposta por Friedman e Passos (2007). Com isso, as autoras deixam claro que não cabe ao terapeuta determinar o momento da alta do participante do grupo, mas apontar a interpretação dos sinais oferecidos pelo participante, que deve falar sobre seu sofrimento e a relação que isso possa ter com sua permanência no grupo. Assim, os sujeitos são, desde o começo do processo, convidados a assumir sua alta. Cabe-lhes, portanto, trazer para o grupo, quando for o caso, a intenção de deixar de frequentá-lo, a pretensão ou não de retornar e seus motivos para tal. As estudiosas ainda reafirmam que sair do grupo em caso de pessoas que voltam, nem sempre é uma decisão de alta (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

#### 4 Desenhando um percurso metodológico para a compreensão do sujeito-gago

A pesquisa foi realizada no Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco – PPGCL-UNICAP, 7º andar, Bloco G4, sala C3-D7, onde está circunscrito o grupo de terapia – GEAG, que atende aos sujeitos-gagos, contando com a atuação dos pesquisadores e terapeutas da linguagem. Ressaltamos que os 03 [três] sujeitos com gagueira foram selecionados mediante contato prévio, atendendo aos critérios abaixo, em que deveriam: a) Participar das sessões de terapia do GEAG, que ocorre semanalmente às quartas-feiras, das 18h30 às 20h; b) Ser de faixa etária acima de 18 anos e c) Aceitar livremente a participação na pesquisa e assinar o termo de livre consentimento e aceitação (TCLE).

Para que toda a análise seja possível, conforme já esclarecemos anteriormente, alçaremos os procedimentos analíticos da AD. Dessa maneira, para melhor compreendermos a proposta teórico-metodológica da AD, bem como mais de seus conceitos teóricos basilares, trataremos de analisar alguns recortes discursivos, constituídos em trabalho terapêutico. Salientamos que as análises estão expostas em tabelas, que apresentam os sujeitos com gagueira investigados (**A**, **B**, **C**). T. é o terapeuta e os números complementares às letras, os segmentos discursivos.

4.1 O antes e o depois no discurso dos sujeitos com gagueira: a mudança de posição nas FDs dos sujeitos analisados...

Sequência Discursiva
<p><b>T.:</b> Precisamos querer nos posicionar e não ficar escondidos, mas, sim, falar! Cada um tem seu tempo.</p> <p><b>A.1. – O meu discurso mudou.</b> Eu cheguei aqui (no grupo) “<i>eu sei que gaguejo, eu to encucado com isso</i>”, antes eu dizia que era gago, isso eu confirmava. <b>Aí, quando</b></p>

**hoje acontece**, e as pessoas pergunta: “*tu é gago é?*”, agora eu já digo: “**não, eu não sou gago não. Eu tenho mais momentos de fluência**” (...) isso já é uma mudança, é eu tá acreditando em mim mesmo.

**T.:** O que é natural, né?

**A.2.** – E, eu tenho **aprendido nessa mudança de posição, a me ver, a observar, a valorizar, a falar. Não ter medo de falar**, e, **hoje**, eu, eu coordeno um grupo, (...) um projeto dentro de escola, **eu uso muito a fala**. Em nenhum momento eu fico com medo, **a minha preocupação é é mais com o conteúdo**.

**T.:** Mudou. Então, por que quando eu tenho uma disfluenciuzinha, eu não vejo esse momento como natural, que não pode acontecer, que foi um erro? É se permitir ter esses momentos, que é comum na fala de todo mundo.

**B.1.** – Eu tava totalmente fora de mim, **antes eu me via sempre como vítima**. Aí, foi muito bom! Transformou a minha vida (...), **comecei a conversar**, cada um que conte uma coisa, você leva pra si. **Eu realmente fiz assim** (estala o dedo e faz um giro de cento e oitenta graus), **mudei mesmo!** Apresento seminário, falo, falo que só, to nem aí mais, eu entrei num curso superior, licenciatura em Biologia.

**B.2.** – **Aí agora**, no fim do curso técnico que eu faço também, né? Todo seminário que tinha elas diziam: “*oxe, quem vai falar é ela*”.

**B.3.** – Esses dias, tava um grupo que não via há tempos, aí teve uma criatura que disse: – “*tu num era gaga? Tu tá melhor, não era assim não, tá muito diferente, tá falando feito uma tagarela, – vá se acostumando!*” (...) **tô indo pro grupo, mudei de posição**, porque **eu não falava, eu me retraía**.

**T.:** Que diferença, hein!? Então, você poderia falar, eu acho que é importante esse depoimento, como é que era no começo, logo que entrou no aqui, a sua fala, e como é que vai hoje?

**C.1.** – **É... Olha que eu entrei no grupo, e nem sonhava em chegar até aqui**.

**T.:** Que coisa muito boa... Você enfrentou, antes não apresentava seminário! Entrou aqui pedindo declaração pra entregar ao professor, dizendo pra ele liberar.

**C.2.** – Pra ele me entender o porquê de eu estar **falando daquele jeito!**

**T.:** E agora você apresenta!

**C.3.** – E foi no 3º ou no 4º período, quando eu ia entregar a ele, as professoras diziam: “*Pra quê, e é? Tem é? Eu não notei não, é?*” E a minha turma sempre fala: “**quem era (...), quando chegou aqui, quase não falava, hoje está aí, surpreendendo a gente, cada vez mais**”. **No 1º período eu gaguejava, que nem falava**, eu pedia pras minhas colegas o menor texto, o menor assunto, **acabou-se isso, sou um papagaio!**

**T.:** Ah, que bom!

**C.4.** – Tô ensinando em uma escola em dois turnos, né? No fundamental. **Pensei que não fosse conseguir, e tô aí, tô levando (...)**.

**C.5.** – (...) Até nas apresentações em grupo, **eu tô com mania de apresentar só**. As meninas: “*tu vai?*”? Eu digo: “*claro que eu apresento só, é muita coisa, mas eu apresento dando exemplo, apresentando slides!*” E é ótimo, as menina me aplaude: “**puxa!**” **E dizem:** – “**quem diria, porque no 1º período tu não falava nada**”. **Não conseguia falar nada!**

**T.:** É... As pessoas mudam, mudam de posição!

O sujeito **A**, no segmento discursivo **1**, mostra que estava “preso” em determinada FD, que compreende a gagueira como incapacidade de expressão, de posicionamento, “**antes eu dizia que era gago**”. O advérbio de tempo *antes* marca bem em seu discurso uma realidade que já passou. Nesse sentido, ressaltando a FD da gagueira, Petrusk (2013, p.75), afirma que “temos posições discursivas (controle de falas, falhas, antecipação, silenciamento,

disfluência, experiências anteriores, previsões discursivas de impossibilidade, silêncio)”. Nessa FD, a gagueira e disfluências são vistas como *erro*, na medida em que se acredita em uma fala perfeita, sem deslizos. Essas posições representam, no processo discursivo, os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Nessa FD, vemos que os sujeitos participantes do GEAG se identificavam (forma-sujeito), se inscrevendo na posição sujeito que gagueja. Assim, o sujeito reproduz os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado.

No mesmo segmento, o sujeito em análise salienta: **“o meu discurso mudou”**, entendemos que anteriormente, havia situações discursivas, em que, por exemplo, dizia *“não vou conseguir falar porque gaguejo”*, logo, mantinha-se na posição sujeito que gaguejava (AZEVEDO, 2000, p.59). Discursos como esse cristalizam o sujeito numa posição que atestam a sua gagueira. Isto marca bem que se trata de uma mudança, mas para que ela aconteça, no processo terapêutico em grupo, também é enfatizado que o sujeito deve desprender-se de discursos de impossibilidade. “Na nova FD, ele se identifica com outros saberes, ligados à outra forma-sujeito: espontaneidade ao falar, disfluência, falhas - vistas como constitutivas do sujeito/linguagem” (PETRUSK, 2013, p.75).

Ainda, em análise, o sujeito **A**, afirma: **“quando hoje acontece”**, e é questionado sobre o seu problema, responde: **“não, eu não sou gago não. Eu tenho mais momentos de fluência”**. Nesse caso, ao expressar o *hoje*, o sujeito já delinea e tem a compreensão, por exemplo, da utópica ideia de fluência absoluta e a questão mostra-se bem marcada na palavra em movimento. Sobre isso, Azevedo (2013) diz que é preciso ressignificar o conceito de fluência sedimentado no imaginário social e que a fluência absoluta é uma abstração (AZEVEDO, 2013).

Posteriormente, o sujeito **A**, no segmento discursivo **2**, diz que tem **“aprendido nessa mudança de posição, a me ver, a observar, a valorizar, a falar. Não ter medo de falar”**, faz deslizar-nos em sentidos que compreende que atualmente a situação é outra, uma vez que fala de uma vida profissional ativa com atividades, quando afirma que **“eu uso muito a fala”** e **“a minha preocupação é é mais com o conteúdo”**. Dessa maneira, de acordo com Friedman (2012, p.12), “o bom falante é aquele que acredita na sua fala e nem pensa sobre sua articulação”. Ainda, conforme a estudiosa, isso significa que o modo espontâneo de falar se entretetece entre fluir e disfluir com base nas relações inter e intrassubjetivas singulares (FRIEDMAN, 2004). Só quando o sujeito passa a questionar as situações discursivas da FD gagueira, solo fértil que dissemina discursos preconceituosos, carregados de nuances de intolerância, incapacidade e impossibilidades e assume uma nova forma-sujeito em que estão inscritos dizeres que correspondem a uma fluência que não é absoluta, há uma mudança de posição discursiva no sujeito, conforme as pesquisas de Petrusk (2013).

Com relação ao segmento discursivo **1**, o sujeito **B**, notamos um discurso que atesta uma mudança de posição: **“antes eu me via sempre como vítima”**. Nesse sentido, quando emprega o termo *antes*, mostrando também o advérbio de tempo, entendendo-se que “hoje” não ocupa mais aquela posição de vítima, pelo contrário, está inserido na FD da fluência. Marca bem um rompimento com a FD da gagueira que dissemina através de posições discursivas que confirmam questões de falhas, disfluência, experiências anteriores e discursos de impossibilidade.

Sobre não acreditar na capacidade de falar e do desejo de falar bem, que acarretam conflitos e fazem com que o sujeito se sinta como vítima, Friedman (2012) relata que essa realidade se desenvolve na infância, a partir das situações vividas com os adultos que cercam a criança, são duas ideias antagônicas, que levam a comportamentos para falar bem também antagônicas, ou melhor, que nunca atingem o seu fim. Por isso, quanto mais se quer falar bem, mais a gagueira aparece e o gago, sem entender por que isso lhe acontece, se sente

vítima da fatalidade. É importante perceber que assim como existem momentos em que o sujeito não consegue falar, sempre existem outros em que consegue, o que prova que a fluência existe. Logo, deve-se trabalhar no sentido de superar esse hábito de se sentir incapaz de falar bem (FRIEDMAN, 2012).

Ainda, no mesmo segmento discursivo, o sujeito **B** salienta que o processo terapêutico no GEAG transformou a sua vida, a ponto de declarar, **“comecei a conversar”**. Com isso, entende-se que é a partir das interações entre os pares discursivos que há uma identificação com os dizeres do outro, que acabam contribuindo com a mudança de posição da forma-sujeito na FD da gagueira. Portanto, o sujeito em análise declara: **“eu realmente fiz assim”** (estala o dedo e faz um giro de cento e oitenta graus), **“mudei mesmo!”**. Nesse sentido, vemos uma mudança completa, um estalar, ou seja, o grupo funciona como um grito de alerta e despertou o indivíduo para novas práticas discursivas. Com isso, algo impactou a sua vida fazendo com que saísse de uma forma-sujeito que expressava um discurso de impossibilidade e assumisse uma nova FD que evidencia uma fluência que é imprevisível, onde o mais importante é fazer-se entender pelo interlocutor. A mudança de posição discursiva repercute, inclusive; na escolha de uma licenciatura em Biologia, tornando-se um docente que estará à frente a uma sala de aula.

Não bastasse o fato de estar em um curso superior, o sujeito **B**, no segmento discursivo **2**, afirma que: **“aí agora”**, ao concluir também um curso técnico, seus colegas incentivam-na a apresentar trabalho, ao evidenciarem sua mudança de posição, quando, ao assumir outra nova forma-sujeito, em todo seminário, as colegas dizem: **“oxe, quem vai falar é ela”**. A grande questão é que, se antes via-se como gaga, hoje/agora o tempo é outro, pois, a partir de reflexões no GEAG, internalizou o conceito de fluência, mostrando que ressignificou o conceito que estava sedimentado no imaginário social (AZEVEDO, 2013).

O sujeito **B**, no segmento discursivo **3**, revela que sua mudança de sujeito-gago para sujeito-falante-fluente acabou repercutindo em um grupo social que “não via há tempos”, causando espanto, a ponto de um dos membros recordar-se de um antes, fazendo ecoar um interdiscurso impregnado da FD da gagueira, onde é impossível falar, estabelecer um diálogo com o outro, pois é considerada como erros e falhas na linguagem. Agora interrogam: **“tu num era gaga? Tu tá melhor, não era assim não, tá muito diferente, tá falando feito uma tagarela”**, circunscrevendo o sujeito em análise, na FD da gagueira, que reverbera a incapacidade de fala, de pronunciamento, as falhas, os erros, o silêncio. No entanto, constata a inserção desse sujeito em uma nova FD da fluência, notando, conforme Petrusk (2013), espontaneidade ao falar, disfluência, falhas - vistas como constitutivas do sujeito/linguagem. O fato é assegurado quando o próprio sujeito, ocupando uma nova forma-sujeito, afirma: **“to indo pro grupo”**, **“mudei de posição, eu não falava, eu me retraía”**, assumindo então, uma nova postura diante de fatos e pessoas e, principalmente, ressignificando conceitos pré-estabelecidos na sociedade.

Quando nos debruçamos sobre o segmento discursivo **1**, do sujeito **C**, vemos que o circunscrevia na FD da gagueira, apresentando dizeres que marcam a impossibilidade, a incapacidade, inclusive de realizações na vida por conta da gagueira **“é... Olha que eu entrei no grupo”**. Mas hoje aquele passado, revela uma nova realidade **“e nem sonhava em chegar até aqui”**. Com essa expressão, permite-nos notar mudanças que repercutem na vida do sujeito-gago, o mesmo percebe que o problema *in loco* não é motivo de não se realizar de modo pessoal, familiar ou profissionalmente.

O terapeuta, em seu discurso, mostra que, anteriormente, o sujeito solicitava declarações para que os professores pudessem liberá-lo das futuras apresentações de seminários. Diante dessa realidade, o sujeito (**C**) no segmento (**2**) assevera que aquilo acontecia para que os professores entendessem a situação, ou seja, explicar mesmo o porquê de estar **“falando daquele jeito!”**. Atentando para tais dizeres, nota-se, anteriormente, a



inserção desse sujeito, na FD da gagueira. Nessas situações, de acordo com Petrusk (2013), na posição sujeito que gagueja, o problema é visto como erro. Na posição sujeito “fluente”, falhas são vistas como espontaneidade na fala, gagueira é vista como algo natural, o discurso analisado configura e marca essa mudança.

Um pouco mais adiante, quando mais uma vez é questionado por um dos terapeutas sobre apresentações, agora, o sujeito C, no segmento 3, explica que depois de alguns períodos na faculdade, “no 3º ou no 4º período”, quando ia entregar declarações a um dos professores, outras pessoas questionavam o porquê daquela atitude. Nos contextos sociais, existe um padrão de fluência absoluta, o mito sobre a fluência da fala, a imagem de um sujeito falante que jamais gagueja ou, em raras situações, apresenta uma repetição silábica ou hesitação.

Acerca disso, Friedman (2001; 2004) informa-nos que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos, disfluências. E assim, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências da produção de fala. A visão de mau falante fará parte da versão de si como pessoa, dando lugar a uma subjetividade que se processa a partir de uma imagem estigmatizada de falante (FRIEDMAN, 2001).

Ao constatar a mudança de posição no discurso, que acaba repercutindo nas atitudes desse sujeito, sua turma fala: **“quem era, quando chegou aqui, quase não falava, hoje está aí, surpreendendo a gente, cada vez mais”**, inserindo numa nova forma-sujeito que fala, apresenta, defende, enfim, posiciona-se diante das questões propostas. A situação era tão crítica que confirma e assevera, **“no 1º período eu gaguejava, que nem falava”**. O emprego do vocábulo “falava”, no Pretérito imperfeito (simples), estabelece um fato que ocorria num momento anterior ao atual e que agora foi mudado.

Tal situação evidencia uma nítida mudança diante da FD da gagueira, por exemplo, se antes, chegava a pedir o menor texto e/ou assunto, “hoje” afirma: **“acabou-se isso, sou um papagaio!”**. Mostra realmente que esse fato faz parte do passado, e hoje está em FD da fluência, que superou a ilusão de uma fluência absoluta e que o mais importante é fazer-se compreender por seu par discursivo. Nesse processo de contra-identificação, o sujeito identifica e questiona a previsão do *erro* na sua fala, reconhece situações discursivas de silenciamento e confronta, identifica e compreende que existem condições de produção geradoras de fluência e de gagueira. É na contraidentificação que confronta/questiona determinados saberes daquela FD que o constitui como sujeito que gagueja (PETRUSK, 2013).

Essa mudança traz resultados impactantes que possibilitam ao sujeito conquistas, até então, impensáveis, improváveis, ou até mesmo impossíveis de acontecer. Chegando o sujeito C, a afirmar no segmento 4: **“pensei que não fosse conseguir, e tô aí, tô levando”**. Na verdade, depreende-se então, em consonância com os dizeres de Friedman (2012), que a gagueira é um momento da fala, não a fala como um todo e, com ou sem gagueira, sempre existem momentos de fluência, o que revela que quem gagueja tem também a capacidade de ser fluente. Cada vez que se pensa que é preciso falar sem gaguejar se está, sem perceber, reforçando a ideia de gaguejar, se está ratificando a crença na gagueira (FRIEDMAN, 2012).

Percebe-se no segmento discursivo em destaque que, ao questionar determinados dizeres impregnados na FD da gagueira, se desvencilha da impossibilidade de falar por causa de erros, de falhas que impossibilitariam uma fala. Assim, o sujeito C assevera: **“tô levando”**. A partir disso, mostra-nos que, se antes, a gagueira não era sinônimo de realizações, agora sabe que a fluência absoluta é uma utopia e que ter momentos de gagueira é perfeitamente natural. Ao internalizar os dizeres do outro através das interações no GEAG, assume uma nova postura e, além de conseguir ensinar numa escola em dois turnos, o sujeito C, no segmento discursivo 5, revela que nas apresentações em grupo está **“com mania de apresentar só”**. Com isso, todos ficam impactados: **“puxa”! E dizem: – “quem diria,**

*porque no 1º período tu não falava nada*”. **Não conseguia falar nada!** Certamente, ao ingressar no grupo, compreendeu que a fluência é relativa e não absoluta, com isso, para que a mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-falante-fluente viesse a ocorrer; inicialmente, o sujeito, **contraidentifica-se**, questionando os dizeres postos na **FD - Gagueira** e, então, **desidentifica-se**, isto é, assume-se na **FD – Fluência**. Com isso, há uma tomada de posição subjetiva e objetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1988). Em resposta a essa questão, Indursky (2011), reitera que, “o sujeito **rompe** com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito” (*op. cit.*, p.85, grifo nosso).

## 5 Considerações finais

Diante do que foi mencionado, até então, constatamos que ao longo dos encontros nas sessões de terapia em grupo, para os sujeitos, a gagueira é um caminho sem volta, além de ser permeada por muitos invólucros que a situam no campo do senso comum, materializando discursos do tipo: “*uma vez gago, para sempre gago*”, “*a gagueira é uma doença, portanto, não têm cura!*”. Isso tem sido perpassado ao longo de gerações às Formações Discursivas (FD), por meio do interdiscurso (historicidade, memória do dizer), que é o lugar das formações ideológicas (FI) com suporte em diferentes filiações teóricas que restringem o problema aos aspectos do corpo e da fala.

Considerando que sujeito e linguagem se constituem mutuamente, algumas vezes, são vistos apenas pelo paradigma do sintoma, fazendo-os, então: falar, calar, silenciar, clamar, gritar, e/ou chorar, devido às ideologias como, por exemplo, a do bem falar, além de mitos criados nos contextos sociais, históricos e culturais em torno de um sujeito que deve encaixar-se perfeitamente numa utópica ideia da fluência absoluta<sup>13</sup>, sem nenhum resquício de falhas e/ou erros na linguagem.

A **FD da gagueira** dissemina concepções que reproduzem o preconceito e geram o *bullying*, por exemplo, contra os sujeitos-gagos. Esses rechaços são compostos por brincadeiras de mau gosto, apelidos pejorativos, enquadrando os sujeitos com gagueira em uma posição de incapacidade, inferioridade, sem nenhum potencial, podendo causar, inclusive, o desejo de não viver mais, conforme relatos que já tivemos no GEAG, mas estes não foram, neste momento, objeto de nosso estudo. Notamos também que, chegando ao grupo de terapia, os sujeitos **A, B e C** mostraram que, inicialmente, estavam **identificados com a FD da gagueira**, pois revelaram dizeres de incapacidade, que desqualificam a sua fala gaguejada e interditavam o seu posicionamento frente às várias situações cotidianas. A partir das reflexões construídas ao longo das sessões em grupo, observamos que os terapeutas da linguagem fazem os sujeitos gagos entenderem que fazer-se compreender por seu par discursivo é o mais importante na interlocução no funcionamento discursivo. Nesse espaço, também é discutido que a fluência não é linear, sem erros, mas relativa, oscilante. Portanto, há uma ressignificação dos dizeres postos pela sociedade sobre a questão do que seja a fluência e a gagueira.

Ao longo desse processo terapêutico, os sujeitos descobrem que é possível falar, expressar aquilo que tanto os angustia, que falar pode aliviar muitas dores e não só no grupo falar é terapêutico, porque entre inúmeros benefícios, outorga voz e vez àqueles que são silenciados e interditados por outros pares discursivos. Descobrem que são autores da sua voz, dos seus discursos e da sua fala. E, então, passam a questionar os dizeres da FD anterior. É nesse momento que assumem uma nova **FD – da fluência**, pois há, de fato, uma mudança de posição discursiva, mostrando que a fluência é relativa e que todos nós temos nossos momentos de gagueira.

<sup>13</sup> Para maiores informações sobre essa questão, acessar o IBF (Instituto Brasileiro de Fluência).

Ao se **contraidentificar** (questionar) e **desidentificar-se** (deixar a FD anterior e inserir-se em nova FD) de ideias que circunscrevem a gagueira ao campo patológico, os sujeitos começaram a compreender que não existe fluência absoluta, que a gagueira é apenas um momento da fala, que a linguagem é incompleta, marcada no equívoco, pela falta, que o sujeito é capaz de produzir qualquer significante, que o importante é não deixar o sentido à deriva, é transmitir a ideia desvincilhando-se da preocupação com a forma que será transmitida (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013).

Nesse sentido, são fatores que marcaram o processo de mudança de posição nas FDs dos sujeitos: quando começam a sentir espontaneidade ao falar, veem a gagueira como constitutiva do sujeito e da linguagem, compreendem que a fluência absoluta é utópica, que fluir e desfluir se entrelaçam, que a fluência é imprevisível, questionam as FDs da gagueira vendo, observando, valorizando a própria fala e não tendo medo de falar - participam cada vez mais das práticas discursivas no seu cotidiano, deixam de se ver como vítima, veem-se reconhecidos como falantes válidos pelos outros e alcançam realização pessoal e profissional que antes imaginavam impossível, inalcançável. Uma nova forma-sujeito onde falam, apresentam, defendem e se posicionam.

No processo de funcionamento discursivo, falamos de acordo com os efeitos que desejamos causar em nossos interlocutores, ou seja, a partir da concepção que temos do outro e da posição-sujeito que acreditamos que ocupam na sociedade. Dessa maneira, inferimos que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo e às condições de produção, esta última, sendo compreendida como circunstância de enunciação e contexto sócio-histórico, ideológico, ou seja, o discurso do sujeito-gago é produzido tendo em vista a relação de forças (a posição que se ocupa nos lugares sociais), a relação de sentido (a interdiscursividade), a antecipação, (representação que os sujeitos fazem de si e do outro no discurso).

Diante de toda discussão proposta ao longo do nosso estudo, entendemos que o trabalho nunca está concluído, mas aberto a novos olhares, na incompletude que funda o sujeito. Esperamos que este trabalho contribua para iluminar os estudos sobre as pesquisas em Análise do Discurso (AD), que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem, mostrando que é possível, sim, “*romper a incabível prisão...vencer o inimigo invencível*”; isto é, questionar a FD da gagueira e assumir-se na FD da fluência.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas. **As não-coincidências do dizer**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2001.
- AZEVEDO, N. P. S. G. **Uma análise discursiva da gagueira**: trajetórias de silenciamento e alienação na língua. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia), – PUC-SP, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva**: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2006.
- \_\_\_\_\_. Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira. In: Mariani, B.; Medeiros, V.(orgs.). **Gragoatá**. Publicação dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, v.34, Niterói: EdUFF, 2013.
- \_\_\_\_\_. Projeto de Extensão do GEAG. Universidade Católica de Pernambuco, 2017.
- CAVALCANTI, M. C. G. P. C. **O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de estudos e atendimento à gagueira infantil (GEAGi) com pais de crianças identificadas como gagas**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP) – PE, 2016 126 f..
- FRIEDMAN, S. **Gagueira**: origem e tratamento. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Summus, [1986]2004.

- \_\_\_\_\_. **Cartas a um paciente:** um processo de terapia para a gagueira. Série distúrbios da comunicação, v. 3, São Paulo: EDUC.[1988]2012.
- \_\_\_\_\_. **A construção de personagem bom falante.** São Paulo: Summus, 1994.
- \_\_\_\_\_. O caso de Amadeu. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, (orgs). **Gagueira e subjetividade.** Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. FRIEDMAN, S.; PASSOS, M.C. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas. In. SANTANA, A. P. BERBERIAN, A. P.; GRARINNELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.** São Paulo: Plexus, 2007.
- \_\_\_\_\_. Fluência: um acontecimento complexo. In: DMB. Limongi SCO, editores. **Tratado de fonoaudiologia.** São Paulo: Editora Rocca, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Mito:** a gagueira não tem cura. [http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira\\_mito\\_cura.php](http://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_mito_cura.php). Acesso em: 07 de ago. de 2016a.
- \_\_\_\_\_. **Gagueira é um tropeço mais que natural.** Disponível em: <http://www.gagueiraesubjetividade.info/>. Acesso em 07 de ago. de 2016b.
- INDURSKY, F. Da interpelação a falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, J.R. (org). **Análise do discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João ed., 2011.
- MACHADO, M.L.C.A.M. et al . A terapêutica grupas na clinica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In. SANTANA, A. P. BERBERIAN, A. P.; GRARINNELLO, A. C.; MASSI, G. (orgs) **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.** São Paulo: Plexus, 2007.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura.** 6.ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- PÊCHEUX, M. Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969]1997.
- \_\_\_\_\_. **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1988.
- \_\_\_\_\_. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.
- PETRUSK, L. S. S. **Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). Recife: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, 2013.
- ROCHA, E.M.N. **Informações básicas – gagueira.** Disponível em: [http://www.gagueira.org.br/arquivos/Eliana\\_Maria\\_Nigro\\_Rocha.pdf](http://www.gagueira.org.br/arquivos/Eliana_Maria_Nigro_Rocha.pdf). Acesso em 09 de ago. de 2015.
- SILVA, C. S. **A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira:** uma análise discursiva. Dissertação de mestrado. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP) – PE, 2016, 136 f.

Submetido em 29/04/2017

Aceito em 10/06/2017